|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Ano de publicação** | **Referência dos artigos** | **Categorias** | | **Objetivos** | **Resultados** |
| **2009** | 16  17  19  20 | 1,2 ,3  1  1,23  1 | | Analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, DST e AIDS, antes e após oficinas de prevenção.  Apresentar a avaliação efetuada por 36 alunos do Ensino Médio de escolas públicas do Rio de Janeiro sobre o produto multimídia «Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias» realizado pelo “O Museu da Vida da COC/Fiocruz.  Identificar como as intervenções pedagógicas realizadas em uma escola sobre sexualidade estavam associados ao mundo do adulto enfatizando os ideais de maternidade, da responsabilidade com o ato sexual.  Identificar como os pais vivenciam a educação sexual de seus filhos adolescentes. | Apenas 28,2% dos adolescentes no pré-teste sabiam do período fértil da menina; após as oficinas de prevenção, o conhecimento superou 55,8%. A AIDS foi a DST mais citada no pré-teste; no pós-teste, houve referência a outras doenças (41,1%). Os métodos contraceptivos mais conhecidos são o preservativo e a pílula. Não houve relevância estatística entre as respostas sobre atitudes de risco para transmissão de DST/AIDS.  A avaliação permitiu identificar o multimídia como recurso educativo capaz de promover o tema sexualidade em situações de aprendizagem. Um recurso do multimídia, denominado Caderno de Perguntas, mostrou-se como espaço de interlocução entre os jovens, permitindo troca anônima de dúvidas e ideias, e alimentando um banco de dados que permite aos professores e pesquisadores conhecerem melhor o pensamento dos adolescentes.  Contraditoriamente, ao desenvolver a educação sexual a partir do tema reprodução, esta acabava sendo enfatizada, quando é justamente a ocorrência dela entre adolescentes que diversas políticas públicas querem evitar. Além do processo reprodutivo em si e dos modos de preveni-lo, a escola ensinava sobre a precocidade da gravidez na adolescência, apresentando ideais de maternidade e paternidade. As intervenções escolares buscavam desenvolver nos(as) adolescentes um sentido de "responsabilidade" em torno das relações sexuais, buscando mudar ou adequar os dispositivos que estruturam os comportamentos preventivos. No entanto, as informações sobre métodos anticoncepcionais, não raro, estavam ligadas ao mundo adulto, permanecendo distante dos adolescentes e sugerindo não reconhecimento da sexualidade adolescente.  Os pais fizeram algumas considerações sobre o modo como orientam os filhos sobre sexualidade, entre elas, a importância do diálogo e da conversa franca entre pais e filhos; a dificuldade na comunicação entre pais e filhos; dificuldades relacionadas à educação recebida; ensino de valores e a importância da educação compartilhada com a escola. Faz-se necessário um trabalho contínuo de orientação sobre sexualidade aos adolescentes e também às suas famílias visto a diversidade e complexidade deste tema. |
| **2010** | 10 | 1 | Identificar as diferenças existentes entre um grupo de adolescentes que viveu a experiência de gravidez durante a adolescência | | Os pais fizeram considerações sobre o modo como orientam os filhos sobre sexualidade: a importância do diálogo e da conversa franca entre pais e filhos; a dificuldade na comunicação entre pais e filhos; dificuldades relacionadas à educação recebida; ensino de valores e a importância da educação compartilhada com a escola. Faz-se necessário um trabalho contínuo de orientação sobre sexualidade aos adolescentes e também às suas famílias visto a diversidade e complexidade deste tema. |
| **2011** | 12  13  14  15  18  29 | 1  1,3  1,3  1,3  1.3  2 | Desvelar comportamentos sexuais de acadêmicas de Enfermagem, bem como seus mecanismos de influência, os aspectos que envolvem a iniciação sexual e os entraves desencadeados pela formação tradicional e aspirações modernizantes.  Refletir sobre como nas escolas reforçam os discursos hegemônicos de controle das sexualidades guiadas pela tentativa de promover a heterossexualidade como a única forma de inteligibilidade sexual, legitimando os casos de homofobia.  Identificar as relações de gênero entre os adolescentes, utilizando o estudo analítico com enfoque qualitativo, com base nas representações sociais que trabalha valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões sobre sexualidade.  Investigar a sexualidade de adolescentes do sexo masculino com a implementação do círculo de cultura como ação educativa na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.  Avaliar a associação entre a gravidez na adolescência e a conclusão da educação básica mediada por marcadores macrossociais.  Descrever os fatores relacionados à idade precoce da primeira relação sexual, de jovens de 18 a 24 anos na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. | | As entrevistas relevaram interseção entre comportamento sexual e cultura, permitindo visualizar o poder exercido pelos sistemas de representação social. É importante pontuar sobre a necessidade de mais olhares sobre o assunto por ser emergente nos diversos cenários do existir humano  O estudo mostra que o invariante foram as discriminações, as violências homofóbicas e as injúrias que são perpetradas nos valores e discursos dos adolescentes em situação escolar e familiar, demonstrando a institucionalização da homofobia como prática regulatória da construção social e psicológica de gêneros e identidades sexuais. Destaca-se quão importante é, para a escola, apropriar-se de meios de desconstrução das normativas heterocentradas, visando preservar os direitos e a cidadania de pessoas que não se identificam aos modelos vigentes da heterossexualidade.  Na análise do discurso ficou evidenciada a desigualdade, sendo reproduzida de forma machista. Apesar de toda informação que existe atualmente sobre a sexualidade, muitos adolescentes possuem déficit de conhecimento relacionado ao assunto e falta de comunicação adequada com os pais, a escola e a mídia.  Observou-se que os meninos associam o sexo à sexualidade de forma predominante e que tinham pouca compreensão das vulnerabilidades a que estavam expostos numa prática sexual desprotegida, uma vez que demonstraram ser incentivados precocemente ao início da vida sexual, muitas vezes sem reflexão prévia de suas possíveis consequências. Evidenciou-se a necessidade de ações educativas, como o círculo de cultura, que propiciam ao jovem expor suas dúvidas e conhecer os meios de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, como também capacitá-los a repensar condutas a fim de alcançar melhor qualidade de vida em sua sexualidade.  A gravidez antes dos 20 anos foi declarada por 29,6% das moças, e 21,4% dos rapazes mencionaram ter engravidado uma parceira na adolescência. As jovens com renda familiar per capita de até US$70, que engravidaram na adolescência ao menos uma vez, referiram mais frequentemente não terem concluído a educação básica. Entre os homens, ter renda familiar per capita até US$70, ter pais separados antes dos 20 anos e ter engravidado uma parceira antes dos 20 anos, implica a maior chance de não concluir a educação básica. Cabe ao sistema escolar orientar os jovens quanto à sexualidade e à contracepção, mas também estimular a sua permanência na escola.  As variáveis diretamente relacionadas com a iniciação sexual precoce foram: sexo masculino, baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade, ter pais separados, morar com companheiro(a), não praticar uma religião, uso de tabaco e drogas, e o não uso da camisinha na última relação. Considerando o contexto social atual, evidencia-se a necessidade de uma adequada orientação sexual com aspecto preventivo. Com relação aos comportamentos sexuais de risco, estudos nacionais e internacionais indicam que a iniciação sexual precoce se relaciona com um padrão de comportamento sexual de risco. |
| **2012** | 8  9  11  26  27  28  30  31  32 | 1,3  1,3  1,3  1  2  2  3  3  3 | Investigar a concepção que os adolescentes possuem a respeito do próprio comportamento sexual assim como verificar como buscam orientação sobre esse assunto  Relatar os resultados de um projeto desenvolvido em uma escola de ensino fundamental que teve como objetivo oferecer educação sexual para adolescentes.  Relatar a experiência de aplicação de um programa de promoção de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes.  Analisar a visão de estudantes sobre o desnudamento do corpo para cuidar.  Analisar as características sociodemográficas e do comportamento sexual e reprodutivo das mulheres jovens.  Examinar a associação entre a idade ao ter o primeiro filho durante a adolescência e antes do casamento e o envolvimento religioso no Brasil, medido através da afiliação religiosa e frequência aos cultos ou missas.  Apresentar marcos legais brasileiros que garantam ao adolescente autonomia no trato com sua saúde sexual e reprodutiva.  Apreender os conhecimentos de adolescentes nuligestas acerca do parto e do nascimento,  Esclarecer as dimensões dos chamados direitos sexuais de adolescentes com base em perspectivas empíricas, tanto qualitativas quanto quantitativas. | | Na análise do discurso ficou evidenciada a desigualdade, sendo reproduzida de forma machista. Apesar de toda informação que existe atualmente sobre a sexualidade, muitos adolescentes possuem déficit de conhecimento relacionado ao assunto e falta de comunicação adequada com os pais, a escola e a mídia.  Alunos e professores avaliaram a proposta de intervenção como satisfatória e necessária na escola. Almeja-se a continuidade do projeto com outros alunos e oferecer formação aos professores.  Os resultados apontaram a adequação do uso de procedimentos vivenciais e de seu embasamento na cultura adolescente e a necessidade de alterar a ordem das sessões em versões futuras dessa intervenção. São discutidas direções para o replanejamento do programa.  O momento de desnudar apareceu como uma resposta à insegurança advinda da preparação escolar insuficiente. Por fim, cabe refletir sobre a importância deste trabalho, considerando que o enfermeiro tem uma função educativa que contribui para a educação das pessoas e pode atuar de modo a contribuir para minimizar preconceitos e tabus direcionados para a sexualidade, diminuindo o impacto da hospitalização.  Mulheres do grupo A que eram principalmente negras, mais pobres e com menor escolaridade tiveram a primeira relação sexual mais precocemente, comportamento contraceptivo mais desprotegido e menor conhecimento da fisiologia da reprodução em relação ao grupo B; as jovens do grupo C caracterizaram-se por maior frequência à escola e a preservação da virgindade para o casamento foi alegada por um 1/3 desse grupo. Para as mulheres com até 25 anos, a gravidez antes dos 20 foi percebida como tendo implicações mais positivas que negativas na vida amorosa, conjugal, social e autoestima. Há associação significativa entre gravidez antes dos 20 anos com maior pobreza e menor escolaridade. Na ausência de melhores condições de vida e de oportunidades, a gravidez, embora não prevista, configura-se como "projeto de vida" e não sua mera ausência.  Os resultados indicam uma forte associação entre fecundidade pré-marital na adolescência e envolvimento religioso, tanto em 1996 como em 2006. Em 1996, a frequência aos cultos ou missas foi mais importante na explicação da idade ao primeiro filho do que a afiliação religiosa. Em 2006, o pertencimento a uma igreja pentecostal passa a ser predominante.  Os resultados evidenciam que adolescentes protestantes, particularmente pentecostais, apresentam um risco reduzido de serem mães adolescentes e antes do casamento.  Encontraram-se oito legislações. Muitas das garantias legais afetam diretamente a população adolescente (garantia de escolarização durante a gestação e período puerperal ou licença maternidade, distribuição de preservativos, não discriminação por sorologia em ambiente escolar). São instrumentos importantes de preservação dos direitos sexuais e reprodutivos, da privacidade no atendimento médico, na busca por informações seguras de saúde e no acesso a insumos como preservativos e métodos contraceptivos. As análises das legislações levantadas demonstraram que estes marcos legais são imprescindíveis na garantia da vivência da sexualidade de forma mais segura e saudável, e todo profissional de saúde envolvido no acompanhamento de adolescentes deve conhecê-los profundamente.  Os resultados mostraram que as adolescentes possuem conhecimentos precários acerca do parto, sendo as informações permeadas por mitos e desarticuladas de conceitos capazes de transformar os saberes vigentes. Assim, evidencia-se a necessidade da aproximação das adolescentes com a temática da sexualidade, e em particular, da gravidez e parto, para que possam analisar e escolher a forma ideal de parir, identificando possibilidades para um parto mais humanizado e saudável.  A partir de entrevistas em profundidade e um inquérito domiciliar com jovens sobre conhecimento, experiências e valores associados à sexualidade, o artigo procura demonstrar que a "conversa sobre sexo" é limitada no âmbito da família, da escola e nos serviços de saúde. O acesso à informação e familiaridade com a temática da sexualidade constitui-se em um direito sexual de primeira linha para adolescentes e jovens, a despeito das convicções morais do entorno social. |
| **2013** | 22  23  24  25 | 1,2  1  1,3  1,2,3 | Escrever sobre as experiências de adolescentes escolares de ambos os sexos, referentes à vida afetivo-sexual, à reprodução e à saúde sexual e reprodutiva.  Analisar diferenças socioculturais e percepções sobre a consulta ginecológica por adolescentes.  Apreender as representações sociais de adolescentes sobre sexualidade, a partir de suas experiências pessoais.  Descrever o conhecimento dos alistados no Exercito Brasileiro, em relação às DST segundo escolaridade. | | A iniciação sexual das meninas ocorreu entre 15 e 19 anos e dos meninos entre 12 a 14 anos. Eles se iniciaram com parceiros de 12 a 19 anos e elas com parceiros mais velhos. Meninas receberam mais informações sobre relações sexuais do que meninos e conversaram mais com parceiros sobre prevenção de gravidez na ocasião da iniciação sexual. Fontes de informações sobre sexualidade e contracepção são principalmente os pais. A farmácia é o principal local de aquisição de contraceptivos. Informações sobre doenças sexualmente transmissíveis provêm principalmente da escola. A comparação desses resultados com os de outros estudos com adolescentes escolares de grandes centros urbanos e populações que incluem jovens fora da escola evidencia aproximações e distanciamentos entre suas experiências. Fatores relacionados ao contexto sociocultural e institucional de pequenos municípios, diferenciais de gênero e escolaridade ajudam a compreendê-las.  A maioria referiu conhecimento sobre anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis, porém pequena parte obteve essas orientações na consulta. As estudantes manifestaram desejo de que o profissional investisse mais tempo, paciência e disponibilidade no atendimento. O atendimento ginecológico na adolescência é insatisfatório segundo a avaliação das adolescentes estudadas. As usuárias dos serviços privados submetem-se à consulta ginecológica em idade mais precoce do que aquelas que têm acesso apenas à rede pública. É necessário criar mecanismos que facilitem o acesso e a adesão desse grupo etário à rotina preventiva ginecológica.  Verificou-se a coexistência de dúvidas quanto à sexualidade e sua relação ao ato sexual propriamente dito; ausência de diálogos entre pais e filhos nessa temática; e abordagem escolar ainda incipiente, com limitações dos conteúdos quanto ao uso de camisinha. As representações sociais nesse estudo se ancoram na sexualidade como ato sexual, e são objetivadas por meio dos scripts social e sexual, que conferem aos adolescentes um saber prático sobre si.  A baixa escolaridade está associada ao menor conhecimento e aponta para necessidade de ações educativas destinadas a essa população, que se vulnerável. |
| **2014** | 21 | 2 | Analisar as relações entre comportamento sexuais e fatores de risco a saúde física e mental em adolescentes . | | Cerca de 3,0% dos adolescentes referiu comportamento homossexual ou bissexual, sem diferenciação de sexo, idade, cor da pele, estrato social, estrutura familiar e rede de ensino. Adolescentes com comportamento homo/bissexual comparados aos heterossexuais relataram (p < 0,05): ficar de “porre” (18,7% e 10,5%, respectivamente), uso frequente de maconha (6,1% e 2,1%, respectivamente), ideação suicida (42,5% e 18,7%, respectivamente) e ter sido vítima de violência sexual (11,7% e 1,5%; respectivamente). Adolescentes com comportamento homo/bissexual relataram utilizar menos preservativo de forma frequente (74,2%) do que aqueles com comportamento heterossexual (48,6%, p < 0,001). Três grupos foram encontrados na análise de correspondência: composto por adolescentes com comportamento homo/bissexual e que vivenciava os fatores de risco: sofrer violência sexual, nunca utilizar camisinha ao “transar”, ideação suicida, uso frequente de maconha; composto por usuários ocasionais de maconha e camisinha e com frequentes “porres”; adolescentes com comportamento heterossexual e ausência dos fatores de risco investigados. Entre adolescentes com comportamento homo e bissexual, houve mais fatores de risco quando comparados àqueles com comportamento heterossexual. Os adolescentes com comportamento homo e bissexual expuseram mais suas vivências pessoais positivas e relacionamentos negativos do que seus pares heterossexuais, mas se expressaram menos sobre religiosidade. |